

Jacques Lacan

Seminário 25 - o momento de concluir

9 - aula de 21 de março de 1978 - interior e exterior

Comentário de Jairo Gerbase em 08/06/00

Ouvi dizer que o seminário está muito difícil. É verdadeiramente um seminário difícil e grande parte dessa dificuldade reside, na minha opinião, na estranheza do assunto, na pouca familiaridade que temos com o assunto. Tendia a achar que a topologia era mais um discurso metafórico, mais um léxico, porém, para Lacan, a topologia é a estrutura.

A relação entre a topologia e a clínica não é fácil de fazê-la. Mas, vamos tentar. Desta vez meu trabalho de comentário será sumamente facilitado porque vou baseá-lo em uma espécie de resumo de um capítulo do livro de Lafont¹ que tem extrema proximidade com nosso tema de hoje: interior e exterior. Segundo Lafont, a referência à topologia no ensino de Lacan aparece desde o "Discurso de Roma".²

1] O Toro

É possível alcançar no *mesmo* o que se encontrava antes do *Fort-Da*, dado que desde aí o *mesmo* se identifica ao *outro*³ fixando-o na transformação de sua imagem corporal. Isso indica que há na palavra um *centro exterior à linguagem*. Não se trata de uma metáfora, ao contrário, isso manifesta uma estrutura, diferente da estrutura espacial da esfera, estrutura que a topologia denomina de anel.

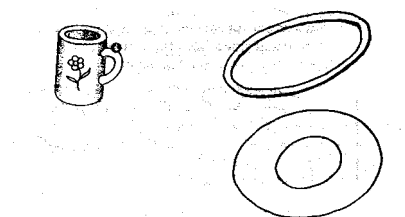
Para representar isso seria preciso recorrer a um objeto de forma tridimensional tal como o toro porque neste objeto o exterior periférico e o exterior central são uma só região.

O que se chama de "nascimento dos símbolos" corresponde em Freud à identificação ao pai e isto quer dizer que na aurora do nascimento do mesmo [do sujeito] já há identificação. A topologia e o toro em especial torna possível esclarecer isso: antes de estar em jogo a relação de objeto, está em jogo a relação de identificação, antes de estar em jogo o desejo da mãe, está em jogo a identificação ao pai. Eis aí uma primeira relação entre topologia e clínica.

Não é possível entender essa ordem lógica - primeiro o pai, depois a mãe - com uma mentalidade baseada na espacialização da circunferência, e por isso é preciso começar a familiarizar-se com a espacialização do toro. O mito do pai da horda primitiva quer dar conta dessa espacialização tórica.

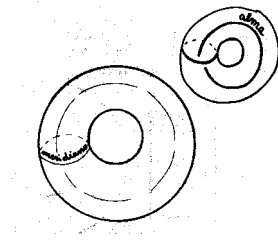
A topologia é a estrutura. Em uma leitura retrospectiva os autores interessados nesse tema têm dito que é assim em Lacan desde 1953 até o fim de sua obra. Do primeiro escrito "Discurso de Roma" ao último seminário "Topologia e tempo". Identificação e reviramento do toro são léxicos equivalentes.

O que difere essencialmente o toro da esfera é que nele o centro e o exterior são um só e mesmo espaço. O toro é uma superfície tridimensional em que se destacam um espaço interior, um espaço exterior e um centro também exterior. A esfera é uma superfície bidimensional em, que se destacam um espaço interior e um espaço exterior. A esfera é uma superfície sem margem cujo centro é fechado; é o caso da bola. O toro é uma superfície sem margem cujo centro é vazio; é o caso da bóia. Uma bóia é um anel assim como uma xícara e sua asa.

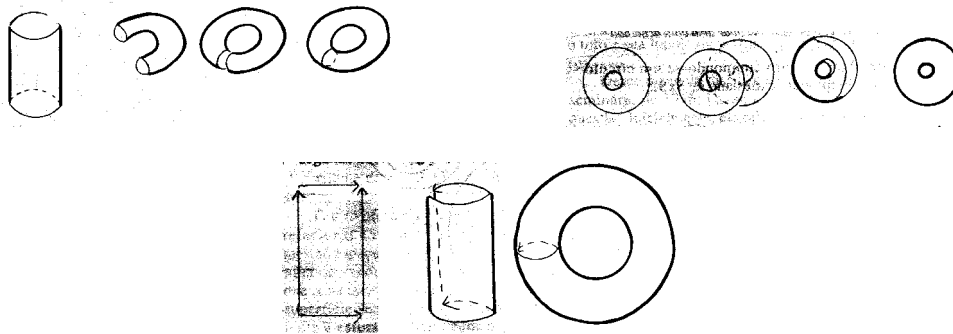


Os traços desenhados no momento desta representação são linhas de dobra da superfície. É preciso imaginar uma bóia achatada

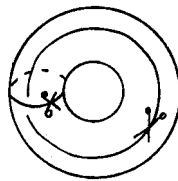
Pode-se obter o toro a partir de um círculo colocado sobre outro círculo; um deles será chamado de alma do toro o outro de meridiano do toro.



Pode construir um toro a partir de um cilindro, de duas coroas circulares, de um retângulo, etc.



Isso nos permite definir o toro como uma superfície sem margem que dois cortes não fazem desaparecer nem dividem.

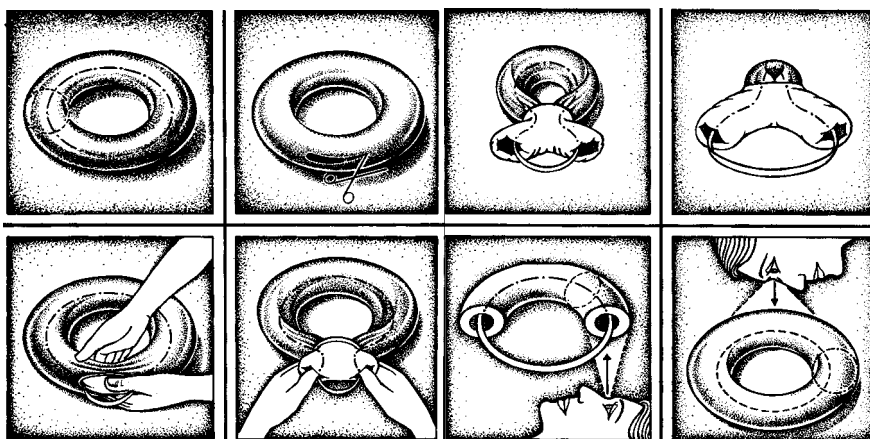


O toro é uma estrutura de furo⁴ que delimita um interior e um exterior com um centro exterior. Esta estrutura é utilizada por Lacan para dar conta do conceito fundamental de identificação. Ele se pergunta qual a relação entre o interior, o psiquismo, a mente e a identificação, ou seja, como alguma coisa exterior torna-se interior.⁵

Sabemos que Freud isola três modos de identificação: a identificação primordial, amorosa, ao pai, a identificação que funda o espaço simbólico; a identificação ao traço unário, indiferente, a que faz a massa e a identificação de participação histórica, a identificação ao desejo do outro.⁶

O reviramento do toro, objeto desta aula, dá conta do fenômeno da identificação de uma maneira mais precisa que a secção da esfera. Lacan trata a relação neurótica do mesmo ao outro [do sujeito ao Outro] como equivalente ao enlaçamento de dois toros. Nesse enlaçamento o desejo do mesmo é isomorfo⁷ ao desejo do outro. Revirar o toro corresponde a fazer passar ao exterior a face que estava no interior. Corresponde, no léxico freudiano, a tornar consciente o inconsciente. O reviramento do toro se efetua por meio de um corte ou de um furo. Com o reviramento do toro ocorre a interversão dos círculos da demanda e do desejo: o que era o círculo meridiano torna-se um círculo ao redor da alma do toro. O furo central continua o mesmo. Depois do reviramento o toro continua o mesmo, mas sua escrita torna-se diferente. Temos aí uma segunda relação entre topologia e a clínica. Digamos que depois da identificação o mesmo continua o mesmo mas sua inscrição, sua posição, sua escrita torna-se diferente.

Para acompanhar essa seqüência do reviramento do toro devemos partir do desenho clássico do toro e efetuar sobre este desenho um corte; um furo pode ser suficiente. Em seguida começamos a retirar a superfície por este furo. Revira-se o toro como se faz com uma luva. No final do procedimento o interior da luva torna-se exterior.



Na clínica psicanalítica o corte possui duas dimensões operatórias: a dimensão da identificação e a da interpretação, que são correspondentes à clínica dos discursos, lá onde se falaria em significante da identificação e significante da interpretação.

Segundo Lafont, o procedimento de reviramento do toro da conta da identificação, da transformação de um objeto de amor em traço do eu, traço ao qual o eu se identifica, ou melhor, identifica seu desejo. Ela chega a dizer que o reviramento do toro comprova o processo de desenvolvimento da relação mãe-criança, de como a identificação é um *destino* desta ligação. Lembra que Klein referêcia o luto necessário à separação com o objeto primordial, e o papel estruturante que a mãe desempenha na posição depressiva.

Aqui, me permitiria divergir, pois uma relação de sujeito é possível antes mesmo de uma relação de objeto, razão pela qual Freud denomina a identificação de primeira forma de laço social. Então, não é o amor à mãe a primeira forma de discurso, mas a identificação e, mais precisamente, a identificação ao pai. Isso só faz sentido se considerarmos que o propósito de Freud é introduzir um conceito genético. É por isso que ele diz que a identificação é o primeiro laço social. Para se entender como se gera a mente, o laço mais importante não é o amor, não é a relação de objeto, mas a identificação, a relação de sujeito. Freud quer saber de que maneira se constitui o que chamamos de mental, no "mesmo". Assim, ele parte do princípio de que para se constituir o mental, que como se sabe é o discurso, é preciso que esse "mesmo" entre numa relação de identificação com o "outro".⁸

Também por essa mesma razão Lacan se coloca a pergunta acerca da homologia existente entre as três identificações de Freud e os três modos de reviramento, de inversão dos toros, homogêneos em sua prática e que além disso mantêm a simetria de um toro a outro.⁹

Como última referência da relação existente entre a topologia e a clínica, cito Lafont: "A relação da banda de Möbius com o toro acarreta toda uma série de questões que se sucedem no momento das primeiras identificações e da aprendizagem da língua [e d'alíngua]. *A contrario*, a psicose e seu possível tratamento psicanalítico encontram talvez uma nova via, graças a essas formalizações. O que é, com efeito, a interpretação na estrutura psicótica? Não se trata, de preferência, de uma construção?"

Ou será que podemos nos perguntar se se trata de um corte e de uma colagem, de um revestimento em dupla folha? É a estrutura mesma da língua [e d'alíngua] que aqui se encontra, posta sobre sua função, e os objetos topológicos fornecem os meios de formalizá-la."

¹ Ver Jeanne Granon-Lafont, "O Toro", em *A Topologia de Jacques Lacan*, Jorge Zahar Editor, RJ, 1990, c. III, p. 43-64.

² "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, 1953, *Escritos*. Henry Krutzen deu indicações semelhantes em seu curso.

³ Depois do comentário do seminário 24, *L'Insu-que-sait...*, adotei esse binário mesmo-outro de preferência a qualquer outro, sujeito-Outro, sujeito-objeto, sintoma-Outro, *parlêtre-Autre*, etc. Justifiquei minha adoção em aulas anteriores.

⁴ Ver aula de 23/05/62, do Seminário "A Identificação".

⁵ Ver a aula de 16/11/76, do Seminário "L'Insu-que-sait..."

⁶ Tendo adotado o binário mesmo-outro, posso dispensar a escrita do outro com maiúscula.

⁷ Ver meu "Teoria geral do sintoma 4 - o caso Hans", inédito, do qual extraio um fragmento: Isomorfismo: correspondência biunívoca entre os elementos de dois grupos que preserva as operações de ambos. Melhor seria chamar-se de homeomorfismo, bijeção bicontínua ou transformação topológica, toda transformação biunívoca e bicontínua: a todo

ponto de uma das duas figuras corresponde um ponto e um só da outra figura; e a dois pontos vizinhos de uma, correspondem dois pontos vizinhos de outra. "O espelho plano funda a virtualidade, onde se formam ilusoriamente as imagens que aparecem como objetos-outros do campo do real. O real aparece como real porque existe o virtual. Temos objetos-coisas e objetos-outros. O conceito de biunivocidade é isso. Quando uma criança conta em seus dedos as figurinhas de um álbum, esta operação lhe permite conhecer, reduplicativamente, que há o outro lado. Seus dedos não são as figurinhas, nem estas seus dedos, mas há algo que liga cada um ao outro e os identifica. A relação real de troca só se pode dar pelo entrecruzamento da relação imaginária da quantidade e desta simbologia".

⁸ Ver meu texto "RSIΣ", inédito.

⁹ Ver a aula de 16/11/76, do Seminário "L'Insu-que-sait..."